

EDUCAÇÃO COMO SOLIDARIEDADE E SOLIDARIEDADE COMO EDUCAÇÃO: LEGADOS HUMANISTAS DE PAULO FREIRE

Claudionei Vicente Cassol¹

Claudia Battestin²

Francisco Garate Vergara³

DOI: 10.29327/2282886.9.1-8

Introdução

Pensar sobre o pensar, implica revisitar os lugares que habitam nossas memórias, existências e ethos que marcam presença na reflexão sobre o viver e também pelo educar. E foi na dialética de opostos, de mundos possíveis, permeados de sabedoria e sensibilidade estética e poética que Freire (2006, p. 24): “Rever o antes visto quase sempre implica ver ângulos não percebidos antes”. E é neste movimento que entendemos o sentido de humanidade no pensamento freireano, o de fazer o caminho de ‘volta pra casa’. No caminho de volta, encontramos nossas práticas pedagógicas, epistêmicas e políticas, também, pessoas, conversas, livros, encontros e um legado, o de Paulo Freire. “É preciso coerência entre a reflexão e a ação para construir o inédito viável, para construir novos cenários. Não há nada acabado, totalmente pronto. A própria história é um tempo de possibilidades e não de determinismos (Battestin; Weyh, 2019, p. 332).

E é neste movimento de escrita que observamos o quanto rever o antes dito por Freire, é importante e necessário para revisitarmos nossas práxis, esse talvez, seja um dos legados mais bonitos de Freire, o de assumirmos o compromisso com a educação, a emancipação, a ética, a

¹Pós-Doutorando em Educação (PPGE - Unochapecó). Doutor em Educação nas Ciências - PPGE - Unijuí (Bolsa PROSUC/CAPES). Pós-Doutor em Educação na Ciências (Unijuí - 2019). Professor na URI - Frederico Westphalen-RS e no CEEDO - Cerro Grande-RS. Integrante do Grupo Biosofia (Pesquisas e Estudos em Filosofia), URI-Frederico Westphalen, Integrante do NEPEBS (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Básica e Superior), Integrante da RICET (Rede Internacional de Cidades que Educam e Transformam) e integrante da Redyala (Rede Latino Americana de Diálogos decoloniais e interculturais), E-mail: cassol@uri.edu.br

²Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Pós doutora em antropologia pela Universidade de Buenos Aires UBA. Líder do Grupo de pesquisa SULEAR: Educação Intercultural e Pedagogias Decoloniais na América Latina (Unochapecó). Apoiadora do conselho indigenista missionário CIMI Regional Sul. Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e nas licenciaturas interculturais indígenas da Escola das Humanidades da Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó. E-mail: battestin@unochapeco.edu.br

³Postdoctor en Gobernanza y Políticas Públicas para la Educación. Doctor en Planificación e Innovación Educativa. Máster y Magister en Gestión Educacional. Máster en Planificación, Innovación y Gestión de la Práctica Educativa. Director de Excelencia CPEIP - MINEDUC. Profesor de Educación Media en Historia y Geografía. Investigador en Centro de Investigación Iberoamericano en Educación (CIIEDUC). Miembro Rede Latino-Americana de Diálogos Decoloniais e Interculturais (REDYALA). Académico de la Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación y la Universidad Andrés Bello. E-mail: figaratevergara@gmail.com

ciência, o humanismo, o cuidado e a solidariedade com o mundo que, nesses tempos negacionistas e de superficialização das relações e desvalorização da vida, da existência, que vilipendiam a dignidade humana, sugerem a radicalização de ações da educação para a paz que tenha vitalidade para construir uma cultura da paz.

A partir da mundialização de lugares, que Freire (2006, p. 25) relembra: “Foi com esses diferentes “não eus” que me fui constituindo como eu. Eu fazedor de coisas, eu pensante, eu falante”. O legado de Freire reside na solidariedade e generosidade de envolver relações dialógicas, democráticas, republicanas, políticas, educadoras, amorosas, esperançosas, emancipadoras e libertadoras na luta constante para a superação da condição de exploração, de dominação, de necrofilia e aviltamento da dignidade humana e destruição da vida.

Partimos, nesse diálogo crítico-hermenêutico, da compreensão de solidariedade em Paulo Freire, como componente ontológico com necessidade de cultivo, de ser alimentada, vivenciada, experienciada cotidianamente de modo radical, contudo, não sectário. Assim, solidariedade, diz respeito, no campo da educação, ao compromisso ético de desenvolvimento, de construção de si e compromisso com a coletividade, em sentido e na concretude integral da existência. Esse agir no mundo implica observar a unidade na diversidade, defendida por Freire (2017) enquanto possibilidade de transformação necessária para uma sociedade solidária, igualitária, amorosa e com possibilidades.

Neste sentido de humanidade, em conjunto, colaboração, participação e diálogo que buscamos observar as implicações, oposições, as dialéticas e, também, as interpretações, os sentidos diferentes, as posições e oposições, ainda que não haja concordância e seja vital a luta por transformá-las. Solidariedade é exigência de radicalidade na luta pela dignidade humana, pela vida, porque é amorosidade, compromisso e indica vínculo de humanidade, de identidade entre os seres que habitam o mundo e a partir do sentipensante gerar a reciprocidade.

Negar a solidariedade, constituinte ontológico da humanidade, é já uma primeira violência contra a essência que vincula, relaciona, identifica e irmana a todas e todos na construção conjunta da viabilidade da existência e do crescimento, do ser mais, no mundo que compartilhamos. A solidariedade é, ou deveria ser, acolhida, amorosidade, compromisso com a humanidade e todas as formas de vida existentes. O que implica o reconhecimento de cada uma/um como é, a aceitação e incorporação cultural dos diferentes gêneros, raças, etnias, costumes, tradições, patrimônio, compreensões como promoção humana e, fundamentalmente, da vida.

A presente reflexão segue a perspectiva de situarmos a hermenêutica e a dialética na intenção realizar cinco movimentos que sinalizem o legado de Paulo Freire: 1) Solidariedade como humanismo; 2) Solidariedade como Pedagogia; 3) Solidariedade como cultura; 4) Solidariedade como ciência e a práxis do conhecimento; e 5) Solidariedade como consciência coletiva e da coletividade: pensamentos para não concluir, mas esperar.

O objetivo é compreendermos que o legado de Freire segue latente, mesmo que não incorporado em muitas práticas educativo-pedagógicas e no cotidiano sociocultural,



reapresentarmos sua validade e urgência, pois somos interpelados/as continuamente a refletir sobre nosso compromisso para uma cultura de paz, promotora da dignidade humana, consciente da condição humana, sedenta pelo acontecer da vida, como propõem suas obras, especialmente, Pedagogia da solidariedade, Pedagogia da indignação, Pedagogia do oprimido, e Conscientização: teoria e prática da libertação, bases da interseção de nossa reflexão .

Não podemos pensar Paulo Freire de modo descontextualizado, distante da historicidade e realidade que o constitui e, igualmente, da história que, em sua práxis pedagógico-científica e humanista, se esforçou para torná-la conhecida por todas e todos, pensada, compreendida, ressignifica e reconstruída na perspectiva das trabalhadoras e dos trabalhadores. Nos associamos com Silvio Suppa, a partir do verbete Oriente-Occidente, disponível no Dicionário Gramsciano: 1926-1937 (Liguori; Voza, 2017) para compreender o grande período sócio-histórico no qual nasce Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997), uma sociedade marcada pelo entre guerras, na qual se desenvolve uma “força destrutiva da [primeira] guerra e por seu significado de fronteira, de limite do esgotamento de qualquer solidariedade possível entre razão e domínio, entre cultura e potência” (2017, p. 890).

Nos parece que Freire, atualmente reconhecido mundialmente como educador e filósofo brasileiro, embora de família da classe média do Recife-PE, não escapa, como a grande maioria da população mundial, dos efeitos desumanos da crise do sistema capitalista de 1929, que afeta também Brasil, tampouco fica indiferente ao surgimento aterrorizante das ideologias nazifascistas e regimes totalitários, absolutistas do século XX. Da mesma forma, não se furta em analisar, as condições socioeconômicas e político-culturais que caracterizam a sociedade brasileira no período da sua infância e proximidades: exclusão, opressão, dominação com os povos originários, as pessoas africanas trazidas há séculos ao Brasil para realizar trabalhos escravos e suas descendências recém ‘libertas’ sem reconhecimento algum, sofredoras, uma vez mais, com o processo de urbanização e industrialização, ação das oligarquias agropecuaristas, processo abrupto de industrialização, elitização da educação nacional e da cultura.

A solidariedade, no sentido que discutimos nesse texto, categoria que envolve a realidade sócio-histórica, político-econômica e, portanto, cultural, na qual Freire nasce e cresce, parece encaminhar o pensar crítico que inaugura sua pedagogia de compromisso radical com a vida e aí encontra o ser humano da América Latina e brasileiro subjugado, explorado e violentado pelas aristocracias, pelos regimes de ditadura, de militarismos, fundamentalismos e explorações com as bênçãos do capital consumista transnacional, das reacionárias compreensões patriarcalistas, imperialistas e colonialistas. A pedagogia freireana brota da semente de esperança que, dialeticamente, se alimenta do desejo de justiça social, de dignidade e humanidade. Não pode ser compreendida isoladamente dos fortes e pesados acontecimentos mundiais e nacionais, tampouco, de uma sociedade que se desenvolve, teimosamente, em não reconhecer a alteridade, direitos e a vida para todos e todas. Nesse lastro crítico social e histórico, Paulo Freire situa a consciência como instrumento radical da transformação, do devenir e do inédito viável.



A metodologia dialógica permite que utilizemos terminologias freireanas, facilmente identificáveis e de conhecimento amplo, ante a potência da construção teórica freireana. Por isso são categorias de fortalezas teórico-científicas que se auto sustentam. Na âncora dessa tonalidade dialógica trazemos pensadores/as de compreensões teóricas plurais que, de fundo, comungam do ideário humanista, do compromisso sócio-político, da ética e da solidariedade enquanto gênese e, também, possibilidade do educar – aprender e ensinar – reflexão e ação. Fazemos, igualmente, um esforço no sentido de incorporação de uma linguagem de gênero, que contribua no educar tornando palpável, plausível, visível na escrita, no texto, o sentido que o debate que o tema apresenta, especificamente, da solidariedade ao envolver gêneros, culturas, condições de vidas e realidades e, então, o compromisso interrelacional entre os povos, os indivíduos e o mundo.

A solidariedade no sentido de unidade, na diversidade e também na coletividade, precisa seguir sendo caminho, e Freire nos alenta nessa direção ao afirmar que “[...] ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho por causa do qual a gente se pôs a caminhar” (Freire, 2020, p. 79). É neste sentido que o texto retoca constantemente o sonho da solidariedade que só é possível a partir do despertar da consciência do devenir – os indivíduos não estão prontos, não estão suficientemente realizados, mas em busca de –, e na necessidade da práxis pedagógica enquanto ação, reflexão e ação.

1. Solidariedade como Humanismo

Assumir a condição ontológica da solidariedade ressalta, de modo central, um dever-ser, compromisso com todos os indivíduos, de todas as etnias, gêneros e diversidades na luta cotidiana do ser mais e acende o lume da vinculação necessária da igualdade em dignidade com a humanidade. Um dos sentidos dessa compreensão expressa a responsabilidade que temos conosco enquanto concebemos a epifania daqueles e daquelas que compõem a sociedade, constroem, transformam e compartilham o mundo nas relações próximas e distantes que desenvolvemos no cotidiano das existências e experiências de nossas vivências. Essa compreensão nos permite pensar na solidariedade como constitutiva do humano. Há elementos nos indivíduos que os identificam entre si para além das aparências ou características físicas. Algo com potência para identificá-los como humanos e motivar ações de aproximação, de reconhecimento. Se compreendermos a solidariedade como amorosidade, irmanação, então, vemos o ser humano como possibilidade de realização, de felicidade, de ser mais – devenir –, como relação, convivência, co-construção, comunidade. Os isolamentos e solipsismos, comprometem a humanidade, superficializam a condição e a natureza humana. Ontologicamente, para Freire, o ser humano é relação, convivência.

Na ausência ou enfraquecimento da solidariedade enquanto condição da humanidade, a violência, a força, o domínio e a exploração, colonizam o espírito e as práticas, as compreensões e as ações das pessoas. O filósofo social e educador Celso Beisiegel (2010, p. 88), ao compreender



que a “busca de ‘ser mais’ não poderia realizar-se no isolamento, no individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos que existem e daí que seja impossível nas relações antagônicas entre opressores e oprimidos”, sintetiza o grande sentido da essência de humanidade que a solidariedade resgata. É sobre as questões de humanismo, educação e solidariedade, que Paulo Freire (1979, p. 31) ensina, e o faz de modo radical, a urgência de compreender

Se o que caracteriza os oprimidos é sua subordinação à consciência do amo, como afirma Hegel, a verdadeira solidariedade supõe que se combata a seu lado para transformar a realidade objetiva que fez deles “seres-para-o-outro”. O opressor não é solidário com os oprimidos senão quando deixa de olhá-los como uma categoria abstrata e os vê como pessoas injustamente tratadas, privadas de suas palavras, de quem se abusou ao venderem seu trabalho; quando cessa de fazer gestos piedosos, sentimentais e individualistas e arrisca um ato de amor. A verdadeira solidariedade não se encontra senão na plenitude deste ato de amor, em sua realização existencial, em sua práxis (Freire, 1979, p. 31).

No compromisso que a solidariedade desperta – da formação, do educar, do esperar –, se apresenta sua fortaleza maior que consigna uma responsabilidade de cada uma/um de nós para com as pessoas mais vulneráveis, com aquelas que mais necessidades apresentam, especialmente de ordem material porque remete ao fundamento biológico da existência e à condição concreta da ocorrência da existência que encaminha, viabiliza, a vida. Aspecto que é reforçado pelo Papa Francisco (2015, § 58) ao escrever na Encíclica *Laudato Si* que,

Nas condições actuais da sociedade mundial, onde há tantas desigualdades e são cada vez mais numerosas as pessoas descartadas, privadas dos direitos humanos fundamentais, o princípio do bem comum torna-se imediatamente, como consequência lógica e inevitável, um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres.

A humanidade que se desenvolve no fundamento ontológico da solidariedade, cultiva o diálogo como instrumento do ser mais. O dever-ser enquanto acontecimento do humano exige relações, compromissos, compreensões e ações e convoca para atitudes dialógicas. A dialogia que Freire parece recuperar e ressignificar da filosofia socrática, reforça características comuns entre os indivíduos que se humanizam pela ação nos coletivos e, também, desse lugar, identificam e reconhecem as diferenças e concebem possibilidades de aprendizados, de conhecimento. A epifania que acontece no desenvolvimento dessa consciência, inaugura processos educativos e a pedagogia como ciência do ensinar e do aprender como ação recíproca, portanto, coletiva ou de ocorrência relacional.

Desse modo, pensar a solidariedade em Freire não se desvincula do diálogo. Constituímos uma nova frente no debate para apresentar que o diálogo para Freire, na compreensão do filósofo e historiador Sérgio Haddad (2019, p. 226), é como “método de apreensão do conhecimento e aumento da consciência cidadã”. Aqui aparece o compromisso com as pessoas que nos cercam como incorporação cotidiana da solidariedade, mediadas no diálogo, que autenticam no sentido de humanidade. A educação – processo humano com desenvolvimento no cotidiano social e individual, viabilizado pelo diálogo possível com o/a outro/a, com o mundo e consigo próprio –



passa a ser exigência, compromisso, atitude de reconhecimento, de valorização e de amorosidade.

Diálogo, nessa compreensão, como organismo da solidariedade, indica que educandas e educandos sejam ouvidos, que possam exprimir as suas ideias enquanto exercício democrático na construção de autonomia, ética e solidariedade. O compromisso solidário do educar, expressão de reconhecimento da humanidade que há nas outras pessoas, que subjaz na/o aluna/o, se processa pelo diálogo “efetivo, crítico, respeitoso, sem que o professor abra mão da sua responsabilidade como educador no preparo das aulas e no domínio dos conteúdos” (Haddad, 2019, p. 226). Diálogo comprometido com o crescimento, o ser mais, a vida, a existência, e o respeito com a vida das pessoas, eis um dos legados de Freire, a práxis do diálogo permeada de solidariedade.

Para reforçar a potencialidade educadora do diálogo como instrumento do chamado à solidariedade, trazemos Jürgen Habermas, vinculado à teoria crítica, em discurso proferido no ano de 1965, do qual aprendemos que a humanidade que aspira a chegar à maioridade, desenvolve-se na História através do diálogo, da comunicação. Para Habermas, nesse sentido, é na interação que o ser humano se emancipa, por meio de normas sociais que se constituem a partir da convivência entre sujeitos, capazes de se comunicar e agir criticamente (Polli, 2006). Se nas relações os seres humanos constroem a história, desenvolvem e realizam as suas existências, as suas vidas, o diálogo se torna um canal educativo para fazer acontecer a solidariedade. Aí encontramos a pedagogia freireana na qual a educação ocorre na relação.

Essa noção enseja que há possibilidades de crescimento, de ser mais, de vida – existência digna – para todas e todos. E mostra mais: que cada indivíduo tem o direito de saber, de aprender, de pensar, de fazer escolhas. Pensamos, nessa dialogia, que as relações são de interdependência/interindependência pois sempre ocorrem em contextos sócio-históricos, político-culturais, baseados em compreensões e implicam os coletivos. Então, a liberdade, esperança na luta dos indivíduos nas relações cotidianas, não pode ser compreendida como acontecimento individual, solipsista, voluntariosa; ela precisa acontecer no espaço e no tempo do mundo compartilhado. Abrimos outra frente de debate que não enfrentaremos nesse texto, mas que se faz necessária para compreendermos a amplitude da solidariedade como envolvimento com os demais indivíduos. Há pessoas – e o mundo – na linha das opções, das ações, das decisões de cada uma/uma de nós. O reconhecimento dessa realidade é reavivamento do humanismo que pode ser expresso na grande manifestação de Paulo Freire. Quando entrevistado em dezembro de 1978 pelo jornal O Pasquim (2024, p. 9), Freire transborda esperança ao dizer: “Eu sou capaz de querer bem enormemente a qualquer povo”. Nesse ponto, se conectam a formação integral do indivíduo que implicam e envolvem a educação para paz e consolidação de uma cultura da paz, enquanto compromissos radicais de solidariedade.

Podemos pensar, no lastro deste debate, que a solidariedade como humanismo radical se constitui em processo de educação e movimento pedagógico desde o momento em que desenvolvemos a consciência da urgência e importância em assumirmos “o dever de lutar pelos



princípios éticos mais fundamentais como o respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas” (Freire, 2000, p. 66-7). O mesmo Freire de Pedagogia da Indignação continua o apelo: “Não creio na amorosidade entre mulheres e homens, entre os seres humanos, se não nos tornamos capazes de amar o mundo” (Freire, 2000, p. 66-7). O amor e cuidado com a vida, com o mundo, com as pessoas, imbricado na ética e responsabilidade com educação, nos faz pensar que, a Educação para Freire, é mudança, e implica na revolução, pois o mestre ensina que “a revolução é um ato de amor” (O Pasquim, 2024, p. 11).

A educação enquanto responsabilidade, compromisso com a formação humanista, é ação de amorosidade que convoca para a radicalidade da mudança de compreensão que expõe o colonialismo em que viemos, o patriarcalismo que forja a cultura de nossa sociedade e o fundamentalismo que rege as orientações. Essa ruptura, naquilo que compreendemos de Freire, ensina também sobre a capacidade de “ultrapassar o próprio condicionamento” (Freire, 1996, p. 129). A pedagogia da solidariedade que opera na historicidade e contextualidade da humanidade, ensina para desenvolver a potencialidade humana do cuidado com a alteridade. Acreditar nessa crença é também revolucionário, pois: “A grande força sobre que alicerçar-se a nova rebeldia é a ética universal do ser humano e não a do mercado, insensível a todo reclamo das gentes e apenas aberta à gulodice do lucro. É a ética da solidariedade humana” (Freire, 1996, p. 129). É neste tear que encontramos o legado de Freire, na solidariedade como Humanismo, como condição e responsabilidade humana.

2. Solidariedade como Pedagogia

Partimos da compreensão de pedagogia como ação intencional para, potencialmente, construir conhecimento/ciência e contribuir no desenvolvimento da consciência humanista. A isso denominamos formação integral que parece significar uma das grandes preocupações freireanas. Abarcar a Solidariedade e a Pedagogia em Freire, diz respeito ao modo como se desenvolvem os processos educativo-pedagógicos e as compreensões que sustentam essas ações. Como procuramos estabelecer, por solidariedade compreendemos, freireanamente, o compromisso de ciência/conhecimento e humanidade para todas e todos. Desse modo, a pedagogia da solidariedade é virtude necessária à construção de uma sociedade democrática” (Freire, 2021, p. 50) e incorpora a “Solidariedade para com o mundo, para com a sustentabilidade do Planeta Terra, porque esta implica na mais profunda solidariedade para com todos os homens e todas as mulheres do mundo”.

Esses sentidos são lembrados pelo Professor José Renato Polli (2006, p. 56), ao compreender que “a pedagogia freireana se coloca a favor da emancipação social, buscando formar sujeitos autônomos e aptos a praticar a solidariedade, contribuindo, ao mesmo tempo, para a ‘formação de uma consciência coletiva transformadora e humanizadora do próprio processo escolar e da sociedade’”. Nessa direção, encontramos, também, o Papa Francisco (2015, § 210), que esperanças ao afirmar que deve haver “educadores capazes de reordenar os itinerários



pedagógicos duma ética ecológica, de modo que ajudem efetivamente a crescer na solidariedade, na responsabilidade e no cuidado”. Ao trazemos outras vozes para o diálogo que comunga com os sentidos que Freire atribui à solidariedade e à pedagogia – e poderiam ser outras tantas –, alimentamos a fortaleza do encontro entre as pessoas, a essência dialógica entre as pessoas, a natureza política do humano e o aspecto intrínseco da ação educadora que se desenvolve como solidariedade com a alteridade através da fala, da comunicação, da reflexão. Há uma ênfase freireana na compreensão de que “Os homens [e as mulheres] não se fazem no silêncio, mas nas palavras, no trabalho, na ação-reflexão. (Freire, 1987, p. 92).

Acreditamos, com Paulo Freire (1987, p. 79; 2021, p. 51) que “O diálogo é um ato de criação” e nisso é, também, solidariedade como aproximação, valorização integral das pessoas que contactamos nos diversos espaços e situações, possibilidade de aprender e de ensinar, de modo que pedagogia é educação cotidiana. Não se afasta, então, da concepção de que educação é direito e dever. Enquanto direito de todas as pessoas, implica um dever de aprender e, também, ensinar, os sentidos e compromissos da vida coletiva, da corresponsabilidade que todas as mulheres e todos os homens têm no mundo que compartilhamos. É direito cidadão e dever da sociedade representada pelo Estado, mas, em mesma intensidade, pelas instituições todas da sociedade civil a partir da definição de um projeto de sociedade e de Estado que incorpora, necessariamente, um projeto de educação. Como aprendemos da sociedade grega, um ideal definido na esfera política, na ágora, de paideia, não de uma vez por todas, porém, constantemente reconstruído no campo democrático-republicano e aprendemos, também, da sociedade Guarani e Kaiowá como ñembo’e que, conforme João Carlos Gomes (2018, p. 106), expressa uma cosmologia complexa de relação profunda como autoafirmação, condução, linguagem, alma, palavra, que significam “construção do próprio caminho” a partir das possibilidades dadas pelo contexto, através da palavra.

Se compreendemos que em todo grande ser, devenir, há sempre uma grande filosofia, uma grande ciência/conhecimento, uma grande compreensão, assumimos que a missão da educação, da pedagogia, é fazer com que, ao desenvolver suas atividades, pesquisas, estudos – enquanto proposta docente para o criar e recriar, para a negação da acomodação, para o pensar certo que é o pensar crítico – se desenvolva a consciência que pode ser compreendida como saber o que faz, porquê faz o que faz, para quê/quem faz seu fazer, o que seu fazer significa. Nos processos pedagógicos não pode haver obrigação, imposição, violência, mas compromisso humanista e de ciência com condições de mostrar o valor e a necessidade de pensar, compreender e transformar – sempre que necessário – os cotidianos, os contextos para que a vida aconteça. Talvez aqui encontremos um ponto de diálogo entre Antônio Gramsci (1891-1937) e Paulo Freire (1921-1997), como o papel do intelectual orgânico, a condição de filósofos/as que todos/as somos e do educador/a.

A pedagogia da solidariedade (Freire, 2021) compreende o compromisso ético com a alteridade, com a possibilidade do ensinar e do aprender, da construção do conhecimento a partir dos tempos, espaços e condições de cada indivíduo. É ação pedagógica a promoção da ciência e



do humanismo a todos e todas, em relações dialógicas, de convivências e experiências, o que implica divergências, oposições, debates, mas não violência. E nessa linha de pensamento que faz o tear, ninguém pode obrigar a pensar, a aprender – especialmente os conteúdos que são impostos – mas, ao mesmo tempo ninguém pode agir como se as outras pessoas não pudessem pensar ou agir ou, se não tivesse condições de pensar, de aprender, de devenir. A ação colonialista, aquela que impõe à alteridade, formas opressivas, exploradoras, dominadoras, impede a ação cultural para a liberdade, a emancipação e se abate como educação instrumentalista, utilitarista. É violência quando alguém pretende que todos e todas pensem – especificamente – do modo padrão, naturalizado pela cultura hegemônica ou estabelecer que indivíduos, povos e grupos, não desenvolveram a capacidade, as habilidades, as competências para pensar, ou que não se dispõem a pensar.

A ação do/a agente pedagógico, ao considerar a eticidade da relação diálogo, que é educativo-pedagógica compreende, por convicção, que mesmo que os indivíduos, os povos, os grupos, as comunidades, não pensem da mesma forma, não compreendam, não ajam, como estabelece o padrão erudito, ou a cultura dominante, não implica que aí, neste lugar de pensar, não exista conhecimento. Há sabedoria, há pensar e existe humanidade, ciência, conhecimento e, sobretudo, existência, experiências e vidas que precisam ser respeitadas. Freire (2000, p. 67) nos faz lembrar que: “Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher não estarei ajudando meus filhos a ser sérios, justos e amorosos da vida e dos outros”.

A dialética freireana que compõe a pedagogia da solidariedade, implica, a existência de paradoxos, de complexidades. Então, não temos certezas, mas, igualmente, não operamos na incerteza total (Demo, 2000, p. 96). Essa realidade nos permite perguntar se alguém pode determinar o certo, a verdade, se há alguém com autoridade e conhecimento absoluto para determinar a ordem do mundo e das coisas. Paulo Freire (1996, p. 107), enriquece o debate ao destacar que “a autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada, e a pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade”.

O paradoxo, a complexidade, é da vida; por isso é devenir, como somos, nós seres humanos. Podem crescer, aprender, compreender e agir. É nessa relação que a pedagogia atua com sua força educadora para mudar realidades de opressão, para decolonizar culturas e consciências e indicar possibilidades, mudanças. Novos conhecimentos, outras culturas, outras compreensões, se apresentam a novas consciências e podem inaugurar novas relações pedagógicas com condições de ensinar e de aprender, de criar, porque, mesmo na condição ontológica do humano, da solidariedade, da liberdade, do devenir, a educação se faz necessária para fazê-las aparecer, para serem recordadas, assumidas, incorporadas ao cotidiano e vivenciadas. A pedagogia é caminho e um legado para a instalação de uma cultura da solidariedade, tão presente na práxis freireana.



3. Solidariedade como Cultura

No caminho da escola aparece a pluralidade, a diversidade, o mundo diferente e divergente. Surgem as contradições e as necessidades de diálogos, as pesquisas, as leituras de mundo, de textos, da vida, da alteridade e das culturas. A complexidade (Morin, 2005) e a ambivalência (Cassol, 2024) do mundo e das relações, da vida e das linguagens, se aproximam e compõem as existências e experiências dos indivíduos. É a cultura hegemônica em ação, como resultado das compreensões, atitudes e decisões humanas. São esses contextos que influenciam e, por vezes, determinam ou conduzem as formações, as bases de compreensões que acompanharão as pessoas nas suas existências. Mas são, igualmente, tais realidades que precisam de mudanças, de transformações, especialmente, quando a cultura dominante anula as identidades e as condições e possibilidade de vida digna.

Compreendermos com Paulo Freire (1980, p. 38) que “cultura é todo o resultado da atividade humana, do esforço criador e recriador do homem [e das mulheres], de seu trabalho por transformar e estabelecer relações de diálogo com os outros homens [e as outras mulheres]”, percebemos campos de disputas e relações de poder como constituintes dos cotidianos sociais e das relações do humano com a natureza tanto sua – do humano, em chave ontológica –, quanto do mundo – ecossistema –. Abrem-se, como possibilidades da condição humana, caminhos de construções alternativas que coloquem a centralidade das relações na vida – não apenas humana –, na dignidade e na necessidade ontológica do devenir, do ser mais, que todas as pessoas têm por natureza. Ascende a consciência, ainda que como poder ser, da interrelação dos seres todos do mundo e se estabelece o compromisso ético com a vida, com todas as formas e manifestações de existência, princípio da solidariedade.

Identificamos neste movimento, um princípio da cultura da solidariedade porque, conforme Freire (2021, p. 15) o mundo é “conexão entre o abstrato e o cotidiano, o global e o local, o eu e o outro”. Esse “diálogo substancial” entre “determinismo e esperança, privatização e solidariedade, treinamento e aprendizado crítico” que, em Bauman pode ser compreendido como diálogo autêntico, tem condições de formular questões “que signifiquem o ser humano e suas compreensões do intelectual como um crítico social, cultural e ético” (Freire, 2021, p. 15). Nessa compreensão, a cultura da solidariedade ou a solidariedade enquanto cultura passa pela compreensão dialógica das “razões fundamentais para a existência da educação” e da permanência da pergunta acerca da “nossa própria existência no mundo” (Freire, 2021, p. 24). A solidariedade enquanto cultura, exige que “como seres históricos nós estamos permanentemente engajados na criação e recriação de nossa própria natureza” (Freire, 2021, p. 25). Nessa dinâmica se apresenta a cultura da solidariedade que, embora ainda utopia – no sentido de ainda não, possibilidade, viabilidade – lembra e relembra, faz nascer, a vocação ontológica do humano que é caminhar para vida, para a dignidade, para a justiça social e equidade.

Embora sejam constituintes e possibilidades ontológicas do humano, a solidariedade e a cultura são construídas nas ações como desenvolvimento das compreensões que as pessoas



assumem e transformam. Portanto integram a cultura nas sociedades humanas, com todos os plurais e diversos sentidos atribuídos pelos indivíduos e incorporados em conformidades com as forças e relações de poder. Ao compreendermos a cultura como construções humanas que se efetivam nas relações concretas, a epifania da cultura da solidariedade se dá pela ação educadora das pessoas, das instituições, da consciência do compartilhamento do mundo, das condições com as quais os indivíduos lidam e são envolvidos, mas podem transformar. Vemos desse modo, a preocupação atenta ao afirmar que

A cultura é também aquisição sistemática da experiência humana, mas uma aquisição crítica a criadora, e não uma justaposição de informações armazenadas na inteligência ou na mente ou na memória e não 'incorporadas' no ser total e na vida plena do homem" (Freire, 1979, p. 21).

A solidariedade enquanto possibilidade de constituir uma nova cultura, acompanha a ação pedagógica, os caminhos da escola e pode integrar os currículos, compor os conteúdos da ciência, do conhecimento, mas também, da vida dos povos, das cosmologias e das resistências, pois aí residem também, culturas invisibilizadas. Ao compor a dimensão ontológica do humano, a solidariedade pode aparecer no cotidiano das relações como trabalho pedagógico e metodologia de trabalho escolar para tornar-se cultura. O compromisso de ciência e de humanismo da escola desperta para a solidariedade e pode contribuir para ensinar e para aprender relações que ultrapassem e superem as hierarquias patriarcais, imperialistas e fundamentalistas da tradição herdada das oligarquias aristocráticas colonialistas e educam em novas bases compreensivas, biófilas. Parecem experiências possíveis desde a proposta da SMEC paulista no final da década de 80, ao estabelecer, como compromisso pedagógico que,

A qualidade dessa escola deverá ser medida não apenas pela quantidade de conteúdos transmitidos e assimilados, mas igualmente pela solidariedade de classe que tiver construído, pela possibilidade que todos os usuários da escola – incluindo pais e comunidade – tiverem de utilizá-la como um espaço para a elaboração de sua cultura. (SMEC-SP, 1989, s/p).

A responsabilidade não é de outrem e nem é da instituição ou das instituições, somente. A responsabilidade é de cada um/uma ao perceber-se como ser no mundo, portanto em devenir. A consciência das condições e circunstâncias individuais abre a necessidade da comunidade, das relações, do diálogo, da solidariedade, como constitutivos ontológicos de cada ser, de modo que não somos e não estamos sós; há um mundo que nos faz e temos compromisso com esse compartilhamento. A cultura da solidariedade ressalta o diálogo permanente e de alguma radicalidade necessária porque as relações educam e as disputas nos espaços de poder e decisão são, constantemente, antagônicas e determinam as condições e as circunstâncias com as quais os indivíduos precisam lidar. É preciso, desse modo, aprender novas formas de compreender, de se relacionar e de construir, para que uma nova cultura seja possível. Embora esse não seja apenas um processo pedagógico, passa, necessariamente, pela educação, de modo que,



[...] o verdadeiro diálogo não pode existir se os que dialogam não se comprometem com o pensamento crítico; pensamento que, não aceitando a dicotomia mundo – homens, reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade; pensamento que percebe a realidade como um processo de evolução, de transformação, e não como uma entidade estática; pensamento que não se separa da ação, mas que se submerge, sem cessar, na temporalidade, sem medo dos riscos (Freire, 1979, p. 43).

Viver com sabedoria, se não diminuir a penosidade, as explorações e sofrimentos, das ações, do cotidiano, as torna presentes à consciência e, enquanto compreensíveis, mais afeitas ao trato, às lides necessárias para as transformações (Schäffer; Cassol, 2021). Não apenas em um momento, em circunstâncias e situações isolada, mas de modo permanente, como destaca Paulo Freire (1996) ao ensinar que a autonomia, a emancipação, enquanto desenvolvimento do ser para si e para o mundo, é um processo contínuo, uma jornada de amadurecimento. Não ocorre numa data específica. Nesse contexto, a pedagogia da solidariedade deve estar concentrada em experiências que estimulem as tomadas de decisões, a ocupação dos espaços pelos coletivos, em experiências de liberdade e justiça social. É neste contexto cultural, político e social que baliza o ponto de partida do educador e educadora para sua ação docente, compreendido por Battestin e Weyh (2019, p. 333) como fundante, pois, “O educador é artista: precisa dançar e cantar o mundo. É preciso mirar outros mundos, recriando a educação para construir poder, para construir esperança”.

É nossa luta enquanto possibilidade de construir uma cultura de acolhida, de diálogo, radicalidade transformadora que se amplie para a escola e desde a escola, para a vida, em uma “corrente luta para ligar a educação a promessas utópicas de uma democracia inclusiva” (Freire, 2021, p. 16) que não perca, jamais, a esperança e o compromisso com as pessoas, a pluralidade e principalmente pela educação.

No mundo que compartilhamos, os indivíduos pouco realizam escolhas. Talvez muitos tenham realizado uma única, de não se envolver mais ética e politicamente com o mundo e com as outras pessoas e deixar que o poderio neo/ultraliberal desenvolva suas pretensões; uma espécie de livre iniciativa da existência. Não é dessa liberdade que Freire escreve, de uma liberdade sem consciência ou da liberação da consciência, da crítica, da reflexão.

A diluição dos sentidos e das origens das ações e suas finalidades, se coloca diretamente relacionada com o sentido da vida, da existência e das compreensões que os indivíduos incorporam da cultura em hegemonia. É outra liberdade que a cultura da solidariedade se esforça para fazer acontecer, aquela que emancipa os indivíduos construída pela ação pedagógica de consciência, com humanismo e ciência, que percebe as ações e artimanhas do poder de indução sistêmicos, de como transmuta-se, metamorfoseia-se (Beck, 2011). A solidariedade é uma condição para vivermos e dialogarmos com as culturas, da vida, das pessoas e da humanidade.

4. Solidariedade como ciência e a práxis do conhecimento

Na vertente do pensamento freireano jorram compreensões democráticas e republicanas de relações políticas, sociais, culturais, de ciência e conhecimento. A ciência, conhecimento, tem



compromisso social e se, por sua ação e/ou condução, por vezes, tem provocado o risco global contra a vida, como também debate Ulrich Beck (2011), igualmente apresenta possibilidades de uma existência humana menos penosa, mais justa e equânime. A gestão, a condução da ciência, do conhecimento, que define seus objetivos, suas finalidades e a serviço de quem se coloca, situa-se no campo político-filosófico.

Na reflexão que procuramos conduzir nesse texto, sem o intuito de esgotar ou definir, mas de lançar ao debate, à luz da concepção freireana que pergunta constantemente “acerca de algumas razões fundamentais para a existência da educação”, aproveitamos a força do “inédito viável” (Freire, 1987) para aproximar a ciência e o conhecimento como a grande pergunta sobre a existência, sobre o mundo e sobre nós humanos, que vivemos constantemente transformações. E no sentir de Battestin e Weyh (2019, p. 326) “A transformação está contida na superação das situações limite destacando o inédito viável. As situações limites são entendidas aqui como a opressão que faz com que os sujeitos tenham uma posição passiva frente à exploração a que são submetidos”.

Na lógica da racionalidade que caracteriza os humanos e os diferencia, em tese, dos demais seres, também pela superação e transformação, que a ciência tem assumido compreensões que destoam da humanidade enquanto vocação antropológica e, da mesma, forma, o conhecimento, no sentido de posse e domínio do saber. Esta ciência que se autonomiza e desenvolve processos de morte desde o ideário civilizatório antigo, da magna Grécia e Roma com ideia do *mare nostrum* até o eurocentrismo, fomento e expressão do patriarcalismo colonialista, uma vez que operacionaliza sinônimos do saber enquanto poder que determina, maniqueistamente, o que é certo e errado; o bem e o mal.

Não é da ciência que exclui sabedorias milenares e construções originárias e desconhece o conhecimento plural, alternativo, que deram vida à nação brasileira como os povos originários, os povos africanos e descendências, nem das formas e meios de sobrevivências desenvolvidas pelas pessoas excluídas, oprimidas e afastadas das instâncias de poder, que falamos. Mas da ciência e do conhecimento, aqui sinônimos, que brotam das vivências e experiências democráticas, solidárias, “engajadas, permanentemente, na criação e recriação de nossa própria natureza” (Freire, 2021, p. 25), humana compreende a vida como ocorrência maior e fim último da existência.

A democratização do acesso, da permanência e das condições de construção do conhecimento, dos aprendizados, desloca a centralidade do saber enquanto poder restrito a alguns grupos (mega)oligárquicos para o controle social e popular. A ciência se dirige para o serviço de todas e todos? Qual seu alcance? Ela é de fato solidária? O conhecimento, a ciência, toma fôlegos democráticos pelas vias da formação integral, da educação de todos os indivíduos e, potencialmente, das suas plurais dimensões constituintes. A educação, nessa compreensão freireana, revolucionária porque em sua ação pedagógico-cultural transforma, metamorfoseia – para usar terminologia do sociólogo Ulrich Beck – e pode desenvolver fontes de solidariedade.



Parece oportuno dialogar com Edgar Morin (2005, p. 120), nesse ponto que mostra “A acusação do político pelo científico [como] maneira de iludir a tomada de consciência das interações solidárias e complexas entre as esferas científicas, técnicas, sociológicas e políticas”. As duas dimensões da emancipação, a ciência, conhecimento, e o humanismo, saciam suas sedes nos caminhos rigorosos da educação que desenvolve a solidariedade enquanto compromisso ético com cada forma e manifestação de vida e existência (Cassol; Moll, 2024).

Desde há muito, Paulo Freire ensina a solidariedade, a dedicação, o compromisso, pessoal e coletivo, com a emancipação que implica interrelação das diversas instituições e envolve a ciência, o conhecimento, e o humanismo; intercurricularidade ou interdisciplinaridade, em um campo próximo da educação, da pedagogia. Essa complexidade de relações, interações, intersubjetividades e contextualidades da ciência que se constrói na solidariedade e para ela, elucida o reconhecimento de que

O amor é ao mesmo tempo o fundamento do diálogo e o próprio diálogo. Este deve necessariamente unir sujeitos responsáveis e não pode existir numa relação de dominação. A dominação revela um amor patológico: sadismo no dominador, masoquismo no dominado. Porque o amor é um ato de valor, não de medo, ele é compromisso para com os homens [e as mulheres] (Freire, 1979, p. 43).

Essa tematização pode ter significado de esforço, de pensar educação e a solidariedade em todos os campos da existência como promoção de vida. Para Felipe Almeida, Ivan Gomes e Walter Bracht (2009, p. 75), “[...] o que mais necessitamos não é adaptar a educação ao mercado de trabalho, mas ressuscitar a arte de interação e diálogo com os outros e fomentar uma educação para a cidadania ao longo de toda a vida”. E, em uma possibilidade de diálogo que não temos notícia de ter acontecido na presencialidade da existência entre Freire e Bauman, mas como comunhão teórica, trazemos Zygmunt Bauman (2010, p. 75-6), que compreende por solidariedade nossa responsabilidade pelas outras pessoas, “estando atentos a isto ou não, desejando ou não, torcendo positivamente ou indo contra, pela simples razão de que, em nosso mundo globalizado, tudo o que fazemos (ou deixamos de fazer) tem impacto na vida dos seres todo o mundo e tudo o que as pessoas fazem (ou se privam de fazer) acaba afetando nossas vidas”.

A ciência perde seu sentido ao distanciar-se ou negar o compromisso solidário porque, em Paulo Freire, o realizar-se, o devenir, de cada indivíduo, não é acontecimento isolado. O cientista cognitivo Jerry Fodor argumenta de maneira semelhante que ao compreender que do ponto de vista da moral, não se pode fazer ciência respeitável a partir de atitudes individualizadas pelo senso comum, pela naturalização e banalização de entendimento (Fodor, 1987). Há sempre um contexto sócio-histórico, político-econômico e cultural em operação na constituição das subjetividades. Portanto, é melhor que se compreenda essa relação humano-humano, humano-mundo, como intersubjetividade criadora (Cassol, 2024a). É nesse horizonte que dialogamos com Bauman, Almeida, Gomes, Bracht, que reforçam, em nossa compreensão, o pensamento freireano da ontológica vocação humana da coletividade, da vida comunitária, do



ser-com. Tal perspectiva sugere, na ampliação do diálogo, aprendermos com Francesco Bellino (1997, p. 284-5), que solidariedade,

é o valor, o significado, a ideia que torna possível tecer os múltiplos valores (identidade e diferença, liberdade, igualdade, tolerância, mérito, etc.) da sociedade aberta. Na complexidade do homem, como aranha suspendida no centro de uma densa rede de valores e de reações com os outros, com o ambiente, consigo mesmo, reside a tarefa de tecer sua existência na rede dos valores e com os fios das múltiplas relações e interconexões que a constituem (Bellino, 1997, p. 284-5).

A ciência, que também, compreendemos por conhecimento, envolve, nessa linha de pensamento, a responsabilidade pela vida, pela existência e considera, em relação dialógica – de onde se instala a solidariedade enquanto possibilidade entre os humanos e deles com o mundo – as demandas, as necessidades, das pessoas e do mundo, como ação de compartilhamento para a manutenção e defesa da vida, como ensina Enrique Dussel (2002). Pensamos que, ao compreendermos com Freire (1996, p. 107) que “a autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser, não ocorre em data marcada, e a pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade”, toma corpo uma noção de ciência, de conhecimento, que se sabe, que tem consciência das interrelações que constroem o cosmos de convivências, experiências e aprendizados, simultaneamente, para si e para o mundo.

A responsabilidade da ciência, é compromisso pedagógico, também. Os indivíduos, as pessoas, não estão sós no mundo. A consciência dos vínculos, das intersubjetividades, das interrelações, é aprendizado necessário e fundante da práxis solidária. Ao proporcionar atividades que desenvolvem a autonomia, a emancipação, a escola cria processos de ensino que estimulam as decisões, as escolhas e a responsabilidade, os compromissos com o conjunto de relações, de produções, de conhecimentos. Talvez a escola, a ação pedagógica, não consiga despertar as consciências, as compreensões, para as necessidades e urgências do mundo da vida, mas, ao reconhecer essas contingências, o movimento se amplia e aprofunda na direção do crescimento e do impulso para a continuidade das buscas, pesquisas, diálogos, estudos. A consciência se desenvolve, fortalece e qualifica-se em compreensões e despertar para atitudes de solidariedade.

Solidariedade como consciência coletiva e da coletividade: pensamentos para não concluir, mas esperar

Utilizamos este momento para realizar um movimento de conclusão das reflexões a partir do objetivo de compreender que o legado de Freire, mesmo não incorporado radicalmente, nas práticas educativo-pedagógicas e no cotidiano sociocultural da educação brasileira, porém, potente para pensarmos a educação. Retomamos sua validade e urgência, pois, enquanto humanos, temos o compromisso do desenvolvimento de educação para paz como auxiliar na construção de uma cultura da paz, o que expressa uma sociedade solidária que só pode acontecer



com formação integral, compromisso ético e reconhecimento da constituição ontológica do humano, do valor da vida, o que exige conscientização, na perspectiva freireana.

A consciência é atitude, noção, disposição crítica de análise para, em movimento contínuo de aprofundamento e amplitude, compreender as relações complexas e seus sentidos e realidades ambivalentes, por parte de indivíduos em esforço permanente. Partimos desse entendimento, ainda que contingente, na perspectiva de compartilhar alguma conceitualidade que não se distanciem da freireana, no diálogo com as bases teóricas que apresentamos nesse debate. A consciência é compreensão de si na relação contextualizada, portanto, é histórico-social e cultural. Essa dinâmica encaminha a percepção da contingência sociocultural da solidariedade, mas perspectiva a esperança, pelas vias pedagógico-educativas, da sua possibilidade no mundo humano, no mundo da vida, como condição ontológica. Desse modo, a própria solidariedade não tem portões, limites, fronteiras; quer ser incorporada no cotidiano das ações culturais e pedagógicas.

A consciência, em possível compreensão freireana, se desenvolve no indivíduo a partir das relações estabelecidas com o meio, com outras pessoas e das reflexões que são desenvolvidas, alcançadas, por cada indivíduo em particular. Não é estática, perene em sua formação e, também, em suas compreensões. É dinâmica em sua construção e desenvolvimento, por isso acontece na ação-reflexão-ação-reflexão em movimento dialético-crítico e autocrítico permanente. Como consciência é sempre consciência de algo, de sentido, de alguma compreensão, é atividade de captar mais, de compreender mais ampla e profundamente. Embora seja individual, se desenvolve a partir das leituras – de si, de livros, do mundo –, dos contextos, das histórias, das formações. Esses diálogos de vários campos são encontros com o campo pedagógico-educativo de compromisso com a coletividade e podem operar ampliações da consciência como política, social, histórica, libertadora e, nesse crescimento, assumir a solidariedade no cotidiano da “aventura humanista que nos dá a alegria e o gosto de conhecer, de saber e de viver para a todos e todas servir e não como uma apropriação individual para servir apenas ao diletantismo e ao egoísmo doentio dos donos do mundo” (Freire, 2021, p. 57).

A solidariedade se amplia à medida que a consciência que a compreende e a torna práxis – compõe o cotidiano da reflexão e da ação, da ação e da reflexão – compreende não estar só e desejar que a compreensão que tem, seja, igualmente, possibilidade de reflexão e ação das outras pessoas, dos coletivos. É a dimensão da consciência do social, da coletividade, que os indivíduos, nas suas particularidades, possam vislumbrar outros mundos e possibilidades de vir a ser. Na amplitude e crescimento desse nível de consciência, ganha vitalidade a consciência da solidariedade como compromisso de mais pessoas, como ação e reflexão de outros indivíduos, o que pode desencadear processos de coletividades que compreendem, assumem, incorporam a solidariedade nas suas reflexões e ações. Solidariedade, em Freire, é questão ontológica que envolve libertação, amor, diálogo, esperança, compromisso com as outras pessoas, com a humanidade, com o ambiente, com o mundo.



Ao constituir-se em campo de reflexão e de ação, a solidariedade tem a possibilidade de ocupar espaços, compreensões e atitudes no cotidiano individual e social, institucional e político-pedagógico. Eleva-se como ação da escola nas suas diversas e plurais relações e problematiza esse modo de ser que pode constituir nova cultura e outros modos e metodologias de educar que formam outro ser, outro indivíduo, com condições de reconhecer que,

[...] o opressor não é solidário com os oprimidos senão quando deixa de olhá-los como uma categoria abstrata e os vê como pessoas injustamente tratadas, privadas de suas palavras, de quem se abusou ao venderem seu trabalho; quando cessa de fazer gestos piedosos, sentimentais e individualistas e arrisca um ato de amor. A verdadeira solidariedade não se encontra senão na plenitude deste ato de amor, em sua realização existencial, em sua práxis (Freire, 1979, p. 31).

A radicalidade amorosa, de cuidado e compromisso com as outras pessoas, nos coloca na condição de pertencentes a um mesmo lugar de viver, que, com solidariedade, acolhe e inclui todas as formas de vida. A solidariedade em Freire perpassa esse pensar, dialoga com a paz tanto enquanto formação, educação, quanto constituição de cultura de paz. É neste sentido que a escrita do texto almejou: da educação como solidariedade e a solidariedade como educação e a educação como emancipação e transformação.

Referências

ALMEIDA, Felipe Quintão de; GOMES, Ivan Marcelo; BRACHT, Valter. **Bauman & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário e outros temas contemporâneos**. Rio de Janeiro : Zahar, 2010.

BATTESTIN, Cláudia; WEYH, B. Cênio. A perspectiva político-pedagógica na educação popular de Paulo Freire e a relevância de seu pensamento. **Educação: Teoria e Prática**. Rio Claro, SP/ v. 29, n.61/ 2019. Disponível no endereço: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/11342/11211>. Acesso em Mai de 2024.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco**: rumo a uma nova modernidade. São Paulo: Editora 34 Ltda, 2011.

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Paulo Freire**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

BELLINO, Francesco. **Fundamentos da Bioética**: aspectos antropológicos, ontológicos e morais. Bauru-SP, EDUSC, 1997.

CASSOL, Claudionei Vicente. **Autonomia na escola pública no norte do RS**: da crise de projeto nas escolas estaduais à inter-subjetividade criadora. Repositório Digital da Biblioteca Unisinos, 2006. Dissertação. Disponível no endereço: <https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/1894>. Acesso em Junho de 2024a.



CASSOL, Claudionei Vicente. **Ambivalência, educação e solidariedade em diálogo:** caminhos de formação para a pluralidade. Revista Teias vol.23 no.68 Rio de Janeiro jan./mar 2022, Epub 13-Fev-2023. Disponível no endereço: <https://doi.org/10.12957/teias.2022.60595>. Acesso em Julho de 2024.

CASSOL, Claudionei Vicente; MOLL, Jaqueline. **Educação e projeto de sociedade:** disputas em torno do Ensino Médio no atual contexto brasileiro. Revista Ponto de Vista, v. 13 n. 2, 2024: Dossiê novo Ensino Médio Disponível no endereço: <https://periodicos.ufv.br/RPV/article/view/16876>. Acesso em Junho de 2024.

DEMO, Pedro. **Certeza da incerteza:** ambivalência do conhecimento e da vida. São Paulo: Autores Associados, 2000.

DUSSEL, Enrique. **Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão.** 2.ed. Petrópolis : Vozes, 2002.

FODOR, Jerry. **Psychosemantics:** The problem of meaning in the philosophy of mind. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1987.

FREIRE, Paulo. A dialogicidade: essência da educação como prática da liberdade. In: FREIRE, Paulo. (ed.). **Pedagogia do Oprimido.** 63. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017. p. 107-115.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira.** São Paulo: Olho d'Água, 2006.

FREIRE, Paulo. **Conscientização.** 3.ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Conscientização:** teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo/SP: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança.** São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação** - cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da solidariedade.** 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, João Carlos. **A pedagogia da infância indígena Guarani Nandeva.** Curitiba: Appris, 2018,

HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo.** Rio de Janeiro/RJ: Tempo Brasileiro, 1989.



HADDAD, Sérgio. Paulo Freire, o educador proibido de educar. In.: CASSIO, Fernando. **Educação contra a barbárie** [recurso eletrônico]: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019. P. 159-167.

LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (orgs). **Dicionário gramsciano** [recurso eletrônico]: (1926-1937). São Paulo: Boitempo, 2017.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 8. ed. Revista e modificada pelo autor. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

NARSIZO, Getúlio; BATTESTIN, Claudia. **A cosmologia Kaingang na Terra indígena Xapecó-SC [Kanhgág ag kanhkó Xapecó jamã ki]**. Salvador, BA: Editora Tucum, 2022.

O PASQUIM. **Paulo Freire, no exílio, ficou mais brasileiro ainda**. O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 462, p. 11, dez. 1978. Entrevista concedida a Claudius Ceccon. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/1350>. Acesso em: 24 de Julho de 2024.

PAPA FRANCISCO. **Carta Encíclica Laudato Si** – Sobre o cuidado da casa comum. Roma, Vaticano, 2015.

POLLI, José Renato. “Freire e Habermas”. **Revista Viver Mente&Cérebro**, Especial Paulo Freire, 2006, p. 56-65.

SCHÄFFER, Gabrieli; CASSOL, Claudionei Vicente. **Biosofia como sentido integral pensar, sentir e viver**. Revista Científica da Faculdade de Balsas, v. 12 n. 01, 2021. Disponível no endereço: <https://revista.unibalsas.edu.br/index.php/unibalsas/article/view/137>. Acesso em outubro de 2023.

SMEC-SP. **Aos que fazem a Educação conosco**. São Paulo: Diário Oficial do Município de São Paulo. Primeiro de fevereiro de 1989.



EDUCAÇÃO COMO SOLIDARIEDADE E SOLIDARIEDADE COMO EDUCAÇÃO: LEGADOS HUMANISTAS DE PAULO FREIRE

Resumo: A presente reflexão tem o objetivo de compreender que o legado de Paulo Freire segue latente, ainda não amplamente incorporado nas práticas educativo-pedagógicas e no cotidiano sócio-cultural. Reapresenta a validade e urgência da solidariedade como processo educativo ao atualizar o convite para refletir o compromisso com uma educação para a paz, promotora da dignidade humana, consciente da condição humana, sedenta pelo acontecer da existência em suas diversas formas e plurais manifestações. A metodologia dialógica permite utilizar terminologias freireanas, facilmente identificáveis e de conhecimento amplo, ante a potência da construção teórica de Paulo Freire. O texto adota as obras *Pedagogia da solidariedade*, *Pedagogia da indignação*, *Pedagogia do oprimido*, e *Conscientização: teoria e prática da libertação*, de Paulo Freire, em diálogo com pesquisadores/as que se aproximam do pensamento freireano com o objetivo de compreender, a partir de Freire, a educação como solidariedade e a solidariedade como educação, possibilidade de uma cultura de paz, justiça social e dignidade humana, sinônimos, nessa compreensão, de vida.

Palavras-chave: Paulo Freire; Educação para paz; Solidariedade como humanismo; Vida como práxis; Resistência e dignidade humana.

LA EDUCACIÓN COMO SOLIDARIDAD Y LA SOLIDARIDAD COMO EDUCACIÓN: LEGADO HUMANISTA DE PAULO FREIRE

Resumen: Esta reflexión pretende comprender que el legado de Paulo Freire permanece latente, aún no incorporado ampliamente a las prácticas educativo-pedagógicas y a la cotidianidad sociocultural. Representa la vigencia y urgencia de la solidaridad como proceso educativo actualizando la invitación a reflejar el compromiso con una educación para la paz, promotora de la dignidad humana, consciente de la condición humana, sedienta del devenir de la existencia en sus formas diversas y plurales manifestaciones. La metodología dialógica permite el uso de terminologías freireanas, que son fácilmente identificables y de amplio conocimiento, dada la potencia de la construcción teórica de Paulo Freire. El texto adopta las obras *Pedagogía de la solidaridad*, *Pedagogía de la indignación*, *Pedagogía del oprimido* y *Concientización: teoría y práctica de la liberación*, de Paulo Freire, en diálogo con investigadores que abordan el pensamiento freireano con el objetivo de comprender, a partir de Freire, la educación como solidaridad y la solidaridad como educación como posibilidad de una cultura de paz, de justicia social y de dignidad humana, sinónimo, en esta comprensión, de vida.

Palabras claves: Paulo Freire; Educación para la paz; La solidaridad como humanismo; La vida como praxis; Resistencia y dignidad humana.

EDUCATION AS SOLIDARITY AND SOLIDARITY AS EDUCATION: HUMANIST LEGACY OF PAULO FREIRE

Abstract: This reflection aims to understand that Paulo Freire's legacy remains latent, not yet widely incorporated into educational-pedagogical practices and socio-cultural everyday life. It re-presents the validity and urgency of solidarity as an educational process by updating the invitation to reflect the commitment to an education for peace, promoting human dignity, aware of the human condition, thirsty for the happening of existence in its diverse forms and plural manifestations. The dialogical methodology allows the use of Freirean terminologies, which are easily identifiable and have broad knowledge, given the power of Paulo Freire's theoretical construction. The text adopts the works *Pedagogy of solidarity*, *Pedagogy of indignation*, *Pedagogy of the oppressed*, and *Conscientization: theory and practice of liberation*, by Paulo Freire, in dialogue with researchers who approach Freire's thinking with the aim of understanding, based on of Freire, education as solidarity and solidarity as education as the possibility of a culture of peace, social justice and human dignity, synonymous, in this understanding, with life.

Keywords: Paulo Freire; Education for peace; Solidarity as humanism; Life as praxis; Resistance and human dignity.



RECEBIDO EM: 25 de setembro de 2024

APROVADO EM: 4 de junho de 2025

PUBLICADO EM: 13 de agosto de 2025

SUGESTÃO DE CITAÇÃO:

CASSOL, Claudionei Vicente; BATTESTIN, Claudia; VERGARA, Francisco Garate. Educação como solidariedade e solidariedade como educação: Legados humanistas de Paulo Freire.

Revista **Espiraes**, v. 9, e-location: e2282886918, 2025.

<https://doi.org/10.29327/2282886.9.1-8>

EDITORIA-CHEFE: Tereza Spyer e João Barros II

EDITORIA ADJUNTA: Besna Yacovenco, Marina Magalhães Moreira e Orlando Bellei Neto

EDITORIA EXECUTIVA: Orlando Bellei Neto

EDITOR CONVIDADO PARA DOSSIÊS TEMÁTICOS: Miguel Ahumada Cristi

REVISÃO: Cibelle Burdulis da Motta

DIAGRAMAÇÃO: Alessandra Renata de Melo Teixeira

OBSERVAÇÃO: O manuscrito foi originalmente submetido para o Dossiê Temático "O legado de Paulo Freire na América Latina e Caribe". No entanto, em função dos prazos editoriais, foi publicado na modalidade de fluxo contínuo, dentro do regime de publicação contínua da revista.

A REVISTA ESPIRALES É APOIADA E FINANCIADA POR: